

Kicôla e Negra!: as fraturas do bilinguismo, a mulher e a colonialidade nos versos de Cordeiro da Mata.

Cassio Larotonda Maia¹

Resumo: o presente diálogo busca traçar um olhar crítico às diferentes representações contidas no poema *Kicôla*, de Cordeiro da Mata, ressaltando a fratura do bilinguismo personificado na interlocutora, a representação da mulher angolana e, tanto quanto, manifestações do caráter colonial da literatura conterrânea presente na supracitada obra. Embasar-nos-emos, portanto, em aportes teóricos de diferentes autores, como, principalmente, Lúcia Castelo Branco, Laura Padilha, Inocência mata, a fim de ensejarmos maior compreensão das facetas intra e extratextuais.

Palavras-chave: Cordeiro da Mata, Kicôla, Angola, colonialidade, Mulher

*“O meu poema sou eu-branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida.”*

António Jacinto

1 – Introdução.

Cordeiro da Mata se posta em um momento crucial da literatura angolana, tornando-se, não só por isso, uma figura igualmente crucial. É nele, por exemplo, que os primeiros traços de uma valorização literária angolana se mostra primorosamente evidente, e ainda que outros lhe fossem anteriores, alguns teóricos o têm como o grande primor das primeiras manifestações mais claras de um 'escrever Angola', fruto que é de um país ainda arraigado às condições coloniais, que anseia, porém, uma liberdade social que é ímpar, mas compartilhada pela grande suma de sociedade subjugadas a um sistema colonial.

Roland Barthes(1971, p. 67 – 68) nos explica que a escrita não é algo que se justapõe à realidade como um quadro representativo ou um mero espelho, mas um mergulho na opacidade viscosa dessa realidade, assim, fruto de suas vísceras, e é isso que alicerça o

¹ Mestrando pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro no setor de Literaturas de Língua Inglesa; especialista em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa Contemporânea; professor de português, inglês e literaturas.

homem a afirmar que, de forma direta ou enviesada, a literatura é uma representação fidedigna, não apenas do *zeitgeist*, mas também da sua sociedade claramente falando. O autor seria, dessa forma, a parte que complementa o todo, e sua literatura fruto dessa parte entre-lugar ao indivíduo e o totalizante. A práxis torna-se então motora e evidente nas obras literárias.

2 – Traços culturais da colonialidade e o bilinguismo.

O homem é produto e produtor de 'cultura', palavra cuja etimologia, segundo o dicionário Houaiss², é latina e advém de 'cultivar'. Assim como na origem, a cultura é assimilada se encontra terreno fértil e se espalha criando suas variedades de acordo com a fecundidade do 'solo social' - desarraigá-la pode ser tarefa difícil, homeopática e 'talvez impossível'. Quando sob o jugo de Portugal, Angola foi introduzida a asperezas do colonizador, como a imposição do cânone, escravocracia e etc., que se conjugam aos costumes locais para formar, mais evidentemente a partir das gerações que já sob esse regime nasceram e tomam-no como 'normal', um mosaico cultural cuja pluralidade se torna fator de diferença e semelhança.

A obra de Cordeiro da Mata está recheada dessas representações, uma delas, a que daremos enfoque, é a 'fratura do bilinguismo'. Albert Memmi(1977, p. 96 - 97) versa que:

A dilaceração essencial do colonizado encontra-se particularmente expressa e simbolizada no bilinguismo colonial[...] a posse de duas línguas não é apenas a de dois instrumentos, é a participação em dois reinos psíquicos e culturais.

Esses dois mundos, portanto, tanto se chocarão quanto se complementarão para formar uma identidade bipartida e híbrida. Duas não meras línguas, mas também ideologias, na pauta de J.L. Fiorin, quando nos elucida que a língua não é puramente um conjunto a etiquetar o mundo com nomes, porém um veículo produto/produtor de ideologia.

Refletir sobre a questão das relações entre a linguagem e a ideologia não é também dizer que a linguagem é instrumento de poder e que os segmentos sociais dominantes tentam ridicularizar a palavra dos dominados? (FIORIN, 2004, p. 7)

Em Kicôla, Cordeiro da Mata deixa muito evidente o dito bilinguismo ao 'confrontar' o quimbundo e o português, a língua do colonizado e a do colonizador, esse personificado

² Retirado de: <http://houaiss.uol.com.br/>

pelo eu-lírico locutor; aquele, pela interlocutora. O diálogo que se dá, a partir de então, abre um leque de interpretações tanto concernentes à atitude das personagens, quanto às 'buscas' do autor.

Segundo Laura Padilha(2007, p. 90), essas características do corpo textual do poema clarificam a soberania do colonizador, que impõe uma língua estrangeira a um mundo que não é 'seu', mas que assim o fez por meio da força; por outro lado, o colonizado tem sua 'voz materna' emudecida e, em mundo seu, tem de se adaptar à fala de quem o sobrepuja(algo que Daniel Defoe já havia descrito em Robinson Crusoé, quando é o Sexta-feira, em sua própria terra, que deve aprender a língua do chegado, não o contrário, evidenciando as características etnocêntricas do colonialismo europeu).

Observemos um trecho do poema:

nquâmi-âmi, ngua – iame
"não quero caro senhor"
disse sem mudar de cor;
- macûto, quangandall'ami.
"não creio no seu amor".
eu querendo-a convencer,
- muâmôno!? – "querem ver!?"
exclamou a minha flor,
- "o que t'assombra donzella
n'esta minha confissão?"
tornei com muita paixão.³

As falas da personagem feminina, em Quimbundo, são marcadas pela necessidade da tradução, outra evidência que Padilha(2007, p. 89) usa para esclarecer a imposição da língua portuguesa como 'normal'(norma) e a língua nativa como a 'outra', que precisa da marcação utilizada pela tradução não só para que seja entendida, mas também para mostrar o seu afastamento cultural das classes dominantes e cultas. É a evidente marginalização do vetor ideológico(a língua), por parte do colonizador português, à imposição da sua cultura como cânone.

Há um quê no texto de metonímico à situação cultural que lhe é contemporânea, a mulher, representante da natividade, menos culta, tenta fugir das artimanhas do eu-lírico, por sua vez dominador de ambas as línguas, conquistador por natureza, dotada ela de uma experiência que parece advir do conhecimento empírico, sofrida que é enquanto mulher e nativa, em não confiar.

O diálogo não só circunscreve referências culturais intratextuais, como também as de

3 "Kicôla!" foi publicado em 1888 no Almanach de Lembranças. O texto é retirado do site:
<http://www.casadasafricas.org.br/>

fora. Dito que imposta a língua do colonizador se torna *canonizada*, o ato de utilizar a língua marginalizada representa um protesto intrínseco por parte do autor. A esse fenômeno, Laura Padilha(2007) dá a alcunha de 'um sinal de resistência'. Segundo a teórica, quando pauta sobre a obra *O Segredo da Morta*, a que tomamos analogamente para o estudo:

[...]optar por uma expressão bilingue mostra, como se dará com relação a outros procedimentos textuais, que sua “ambiguidade linguística é o símbolo e uma das maiores causas de sua ambiguidade cultural”[...] uma tentativa de fazer com que a angolidade não se expresse apenas pela descrição de usos, hábitos e costumes, mas se sedimente pela fratura daquela língua no corpo absolutamente hegemônico da expressão literária em língua portuguesa. (PADILHA, 2007, p. 91)

Sobre esse bilinguismo, ainda:

a língua do colonizado, aquela que é nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos, aquela pela qual se exprimem sua ternura e seus espantos, aquela enfim que contém a maior carga afetiva, essa é precisamente a menos valorizada. (Memmi, 1977, p 97)

Nesse contexto, o termo fratura parece ter dois entendimentos diversos que se completam: o primeiro, a fratura como uma brecha sentimental aberta na camada canônica da língua imposta, que remete a um ímpeto insofreável de representação cultural; o segundo como algo que, sendo único, se parte pelo choque, tornando-se duplo(o ser angolano racional, falante da língua formal; o ser angolano sentimental, falante do quimbundo). Quando porém, repensamos o papel alegórico dos personagens, vislumbramos, também, as representações de gêneros dessa sociedade mimetizada nas matizes poéticas de Cordeiro da Mata: a mulher, falante do quimbundo, representante de menor poder, imposição, mantenedora e corporificação da expressão sentimental, diante do homem conquistador, dotado do cânone, de quem tenta fugir do amor que não confia, outra corporificação dessa sociedade que suspeita, filha do empirismo de quem carrega as marcas do jugo:

"o que se sente dizer?!...
sem ti não posso viver;
só contigo f'liz serei."
- kiri ki amonequê,
"ninguém a verdade falla"
ósso a kua-macuto – âla!
"toda a gente falsa é!"
emé, ngana, nguixicána,
"aceitar não sou capaz"

o maca mé ma dilage,
" a sua falla que engana!"
- oh! q'rida não há motivo
para descreres de todos;
cada qual tem seus modos,
eu a enganar não vivo
- eie ngana úarimûca,
"o senhor é muito esperto"
queria dizer, decerto;
uzuêla câlá úa cûca!
"falla como homem d'idade!"

Parece-nos haver na literatura uma pré-disposição oriunda das construções sociais ao entendimento da mulher como a 'terra a ser conquistada' e o homem o grande conquistador, como por exemplo na Elegia de John Donne(2012, p. 500), em cujos versos a mulher toma forma de 'América'. Essa associação parece-nos igualmente análoga e óbvia, dados os fatos que assemelham o gênero feminino à natureza em algumas sociedades, como a fertilidade, o alimento primário e a completude. No caso do poema supramencionado, a mulher tem o papel de personificar o sentimento, o que nos soa condizente com a bipartição genérica presente em muitas sociedades, sendo a mulher considerada o 'ser sentimental'(e disso não nos deixam esquecer os mais diversos romances da literatura, a que sentimento a mulher vergará, porém, nos cabe tergiversar).

3 – *Negra!* e o Ser Negro.

A imposição presente nos poemas de Cordeiro da Mata representada não é exclusividade da língua, outros veículos também 'denunciavam' a histórica de uma sociedade em cujo seio pulsam desdobramentos do subjugo. Nas palavras de Manuel Ferreira(1977): “o conceito aristocratizante europeu é um veneno de difícil excisão”. Logo nos primeiros versos do poema *Negra*, temos o choque étnico evidenciado pelas cores:

Negra! negra! como a asa
do corvo mais negro e escuro,
mas, tendo nos claros olhos,
o olhar mais límpido e puro!⁴

A partícula adversativa 'mas' antecedendo a limpidez da cor branca já nos dá a dimensão do contraste sobre o qual discorreremos. A condição de ser 'negro' como um todo social é senão imposta por uma alteridade existente em relação ao 'branco dominador', essa alteridade é, inclusive, um artifício patrocinator do estado de inferioridade imposta a esse

4 Retirado de: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/joaquim_cordeiro_da_mata.html

grupo étnico. Assim, por exemplo, o homem negro ainda está(ou esteve, mais propriamente dito) intimamente mais próximo do conceito de 'mal' na sociedade francesa inconscientemente, como nos dizem Franz Fanon e Renato da Silveira(2008, p 90), bem como os conceitos educacionais que se ampliam ao estado são postos pela família(ibid, p 128). A partir daí, que uma sociedade onde o colonizador, apesar de minoria, impõe superioridade bélica, rebaixando à inferioridade completa o colonizado, vai produzir em seu seio gerações que se veem como inferiores será óbvia e, mesmo que essa realidade seja refratada e diluída pelo desdobrar das gerações, ela está (in)conscientemente presente.

Os versos do poema *Negra* evidenciam esse preconceito mimetizado nas nuances, a conjunção adversativa deixa, embora poética, clara a “antagonização” da cor preta em relação aos claros olhos.

Negra! negra! como a noite
d'uma horrível tempestade,
[...]
Negra! negra!... mas tão linda
co'os seus dentes de marfim

“Também aqui, como se vê, a cor branca é condição necessária para a absolutização da beleza”.(FERREIRA, 1977 p. 10). Essa construção plural e incongruente é reflexo literário de uma sociedade igualmente à deriva na tormenta da colonialidade. Umberto Eco(2007, p. 10), no seu *A História da Feiura*, nos mostra como a visão do belo é intrínseco a um meio social, portanto, para um cristão, uma máscara de ritual africano é tão desagradável quanto a imagem de um Cristo flagelado, que aos cristãos causa empatia, pode ser a um africano. Também nessa obra ele discorre sobre o 'enfeimento' do inimigo, que, por razões (des)motivadas torna-se, a uma perspectiva conjugada a determinada sociedade, a personificação do 'feio', isso pode ocorrer por inúmeros motivos que não nos cabem esmiudar. Tanto para justificar esse 'colonialismo', quanto a impor sua soberania sobre as próprias sociedades tomadas, o europeu, branco, tomou o 'antagonismo' da cor como estandarte, obviamente então que uma sociedade que disso se desdobre vivenciaria esse conflito entre ser negro/branco, que transcende a questão epidérmica e se torna uma ideologia.

A literatura, boa mimese que é, não deixaria de 'denunciar' essa construção, construção que depende, segundo Costa Lima, de uma relação interlocutória que, nesse caso, versifica a concepção de verdade tanto do autor quanto do leitor.

“[...] se a “imitação” é, classicamente, o correlato das representações sociais e se

estas mostram ao indivíduo o meio a que está ligado, então a mimesis supõe algo que não é a realidade, mas uma concepção de realidade”. (1980, p. 169).

Obviamente, que, embora o leitor brasileiro possa se identificar comumente, pelo também caráter pós-colonial vivenciado pelo seu país, sob jugo da mesma metrópole, é necessário apontar, porém, que a obra evidencia e se remete ao leitor angolano.

No trecho a seguir, a apoteose do desvelar colonial se constrói. Se Fanon e Da Silveira(2008) já imputavam ao colonizador a necessária sobreposição em relação ao colonizado, tornando-o o outro, o marginalizado em seu próprio seio, e Eco denunciou o movimento de 'enfeimento' do 'outro' como 'estranho', ou motivado por questões sócio-políticas, eis que essa condição se desnuda despididamente na obra:

se te roubou este clima
do homem a cor primeva;
branca que ao mundo viesses,
serias das filhas d'Eva

A denúncia na obra de Cordeiro da Mata se mostra, dessarte, tanto consciente, quanto inconsciente. Para o eu-lírico, a cor primeva da natureza humana é branca, branca como as filhas de Eva e foi, no entanto, o clima a 'roubar' a cor primordial. Esse trecho, em questão, revela uma compreensão do imo cultural ainda mais profunda quando Eva é mencionada, sabido o poder católico e cristão presente em Portugal, apego e poder esses trazidos e cunhados sobre o povo colonizado a despeito das suas crenças.

Talvez a essas características literárias que tanto hibridizam a sociedade colonial e pós-colonial, em particular as de etnia negra, escreveu Antônio Jacinto(JACINTO, 1982, p. 51) que um eu branco cavalga um eu negro através da vida, e nesse pequeno trecho vernejado, propriamente dito, vê-se nitidamente a simbólica submissão do negro ao branco como condição ideológica arraigada ao próprio ser negro étnico.

4 – Pequenas convergências sobre a mulher.

“Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”

—Joseph Goebbels

“A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo”(BRANCO & BRANDÃO, 1989, p. 11). As palavras propedêuticas de Ruth Silviano Brandão elucidam a construção feminina, não tão 'feminina', a partir do ponto de vista masculino, que carrega consigo, como já postulado por Fiorin(2004) que a língua é produto e produtora de ideologia, um conjunto de perspectivas parciais. Sobre isso, a autora continua: “é antes de tudo um sonho alheio e aí ela circula(idem, grifo nosso).

Nesse caso, propriamente dito, um diálogo com a célebre máxima de Goebbels se faz possível, a representação contínua da mulher da perspectiva masculina torna-a 'verdadeira' até para o próprio público feminino, que vez por outra mostra-se reprodutor dessa perspectiva. A língua é um instrumento poderoso e, sobre isso, corrobora Bagno:

As palavras não são neutras, a língua não é neutra. A ideia de que as palavras nomeiam e, simplesmente por que no-meiam, o sentido está dado – de que elas não são prenes de sentidos outros além daqueles que eu supunha tão ingenuamente -, essa ideia faz com que eu seja traído pela língua, seja manipulado pela língua. (BRITO, 2002, p.135)

A máxima em questão se faz presente até nos dizeres da personagem feminina em Kicôla, obviamente compreendido de uma forma mais abstrata, onde as mentiras repetidamente direcionadas a ela tornam-na cética em relação ao amor do eu-lírico. Nas palavras de Terezinha Taborda, ainda que discorra sobre a obra moçambicana, aqui usá-las como interseção mais ampla, a citação dos saberes populares permite o sustento de um saber e reativá-los na escrita significa instalar no texto uma experiência determinada em seu acontecimento(2003, p. 164). A mulher, objeto da busca masculina, como naturalmente ocorre em 'toda sociedade', mas corporificação cutânea de uma beleza dilemática que vaga entre a imposição dos padrões de beleza europeus fecundados no seio de uma sociedade de maioria negra, mas híbrida por excelência, observada sob o prisma masculino.

Sem, de qualquer forma, querer taxá-la como pejorativa, pelo contrário, eis que a obra de Cordeiro da Mata se abre como um mosaico multifacetado de denúncias, evidências, protestos, regozijos de um tom quiçá ainda ingênuo, porém fértil.

Considerações finais:

Chegar a um termo final sobre uma determinada obra é sempre um desafio ingrato, afinal o é impossível. Não se pode esmiudar completamente pelo fato da miríade de diálogos

e análises possíveis ser infinita.

Angola é palco fecundo de vicissitudes que são análogas à nossa própria condição social enquanto cidadãos brasileiros. A literatura tem esse papel mediador entre a memória, o entretenimento, a mimese... e o seu leitor pode, lato sensu, torná-la sua *história magistra vitae*, a fim de que consiga se compreender e também os meandros de sua sociedade. Como toda manifestação humana de mínima relevância, ela consome, evidencia e recicla costumes, culturas, registros de diversas formas do 'todo humano'.

Cordeiro da mata era filho de uma sociedade híbrida(hibridizada, talvez, já que seu hibridismo é imposto a partir da conquista colonial) que rebenta e recicla filhos dessa cultura convulsiva onde coexistem o 'eu-nativo' e o 'eu-conquistado'(reprodutor dos conceitos do conquistador), sua literatura, portanto, é por excelência embasada na documentação, denúncia e renúncia à sua condição. É importante lembrar que assim como o ser humano trabalha a níveis conscientes e inconscientes, também o faz sociedade, cujo cerne trabalha em ambos os âmbitos. Outrossim, a obra nos dá dimensões de ambas as esferas, desnuda o pensamento crítico e também o arraigado no inconsciente.

A partir dos diálogos feitos, chegamos a conclusão de que Cordeiro da Mata denuncia e vivencia sua condição social de uma Angola negra, oscilando na tensão entre a cultura imposta e elitizada do colonizador europeu e a nativa e histórica marginalizada. Um ser fraturado que busca na fratura do seu bilinguismo exprimir o que a razão não pode, e racionalizar o que a imposição despreza, veste sua máscara branca a oprimir, pro vezes, o seu 'eu negro' ideológico, sem conseguir fugir do étnico. É um homem de seu tempo, em todas as possibilidades pelas quais esse leque se pode abrir, no dilema de existir e ser filho do dominador e do dominado, filho, sobretudo, indivisível.

Se o todo é feito pela parte, a parte é fragmento do todo, podemos assim concluir que, dadas as proporções esféricas, Cordeiro da Mata personifica sua sociedade e seu dilema.

BIBLIOGRAFIA.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Cultrix, 1971

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. trad." Roland Corbisier e Marisa Pinto Coelho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra (1977).

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Vol. 6. Instituto de Cultura Portuguesa, MEIC, Secretaria de Estado da Investigação Científica, 1977.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Ed. da Univ. Federal Fluminense, 2007.

DONNE, John. Elegy XX. To his mistress going to bed. in. GREENBLATT, Stephen; ABRAMS, Meyer Howard (Ed.). **The Norton anthology of English literature**. WW Norton & Company, 2012.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Instituto de Cultura Portuguesa, MEIC, Secretaria de Estado da Investigação Científica, 1977.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e modernidade: formas das sombras**. Edições Graal, 1980.

FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. **Pele negra, máscaras brancas**. EdUFBA, 2008.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Língua e Ideologia: a reprodução do preconceito. In BAGNO, M. (Org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 135-137.

JACINTO, António. **Poemas de António Jacinto**. Prefácio de Costa Andrade. Luanda: Inald; Porto: Limiar, 1982.

BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Ltc, 1989.

TABORDA, Terezinha. O intertexto proverbial: a força determinante da experiência enunciada. In. LEÃO, Angela Vaz. **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Editora Puc Minas, 2003.